

SOLIDÃO E NATUREZA: UMA LEITURA DE “BEFORE I GOT MY EYES PUT OUT”, DE EMILY DICKINSON

GIOVANA PARCIANELLO¹; JULIANA STEIL² (ORIENTADORA)

¹Universidade Federal de Pelotas; parcianello@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas; julianasteil@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A poeta estadunidense Emily Dickinson (1830-1886) é amplamente reconhecida por sua forma inovadora de utilizar os recursos linguísticos. É notável que a autora tenha publicado cerca de dez de seus 1800 poemas escritos e organizados em fascículos, o que reforça o mistério que envolvia sua prática reclusa e solitária de escrita, aspecto registrado em diversos de seus poemas, especialmente a partir do apreço e profundo conhecimento que possuía acerca do mundo natural. Este trabalho analisa um poema de Dickinson, “Before I got my eye put out”, focalizando na exploração da temática da solidão e das imagens do mundo natural. O poema em questão, do verão de 1862, apresenta uma pessoa poética que percebe e capta com seus olhos (elemento importante para construção do tom do poema) os detalhes e os movimentos da natureza à sua volta. Ele conta com cinco estrofes de ritmo marcado por pausas, métrica que remonta à hinologia e com esquema de rimas imperfeitas – todas características muito próprias da autora. Este trabalho busca investigar, nesse sentido, de que modo Dickinson reflete a solidão como fenômeno em elementos da natureza ao registrá-la em sua poesia.

O conceito de solidão se configura como objeto de estudo da Filosofia desde o século XIX. É um termo de difícil definição e, além disso, pode ser utilizado com sentido patológico ou, na contemporaneidade, para nomear uma condição derivada do individualismo. Georges Minois, em sua *História da solidão e dos solitários* (2019), afirma que “a solidão é uma constante na história da humanidade, ainda presente hoje, o que faz dela um elemento essencial da condição humana” (p. 1). Assim sendo, a solidão se mostra como uma condição para a reflexão sobre a natureza humana. Para discuti-la sob um ponto de vista filosófico, e, mais especificamente, fenomenológico, adotamos a teoria de Emmanuel Lévinas (1906-1995). Ao mesmo tempo, investigamos as relações entre a arte e a natureza sob a ótica da *nature tradition*, com D. W. Bolin (1956), que descreveu a forma com que a poesia de Dickinson retrata o mundo natural. Junto dele, apresentamos algumas concepções de Robert Lenoble, que explorou a influência da ideia de natureza na história. Ele afirma que, “ao projetar sobre a natureza suas próprias estruturas mentais, o homem constrói imagens sucessivas do mundo, imagens que revelam menos a essência das coisas do que as formas de sua própria consciência histórica” (Lenoble, 1969, p. 25).

2. METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa, de base literária, partindo da leitura atenta do poema e da identificação dos conceitos a serem explorados, presentes nos recursos formais e nas principais imagens poéticas e símbolos utilizados pela escritora. Buscou-se suporte teórico nas leituras dos seguintes estudiosos: Brooks & Warren (1976), com suas contribuições para o estudo da lírica; Lévinas e sua proposição sobre solidão como essencial ao homem em *Time and the Other* (1987); Motta (2023), que desenvolve estudo afim à discussão aqui proposta, ou seja, a

análise do conceito de solidão (e solitude) sob uma perspectiva fenomenológica; Bolin (1956) e a tradição romântica que identifica a linguagem da natureza como sobrenatural; e Lenoble (1969), que traçou a história das concepções humanas sobre natureza, e que fornece uma perspectiva ampla do conceito.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O poema analisado é o seguinte:

Before I got my eye put out –
I liked as well to see
As other creatures, that have eyes –
And know no other way –

But were it told to me, Today,
That I might have the Sky
For mine, I tell you that my Heart
Would split, for size of me –

The Meadows – mine –
The Mountains – mine –
All Forests – Stintless stars –
As much of noon, as I could take –
Between my finite eyes –

The Motions of the Dipping Birds –
The Morning's Amber Road –
For mine – to look at when I liked,
The news would strike me dead –

So safer – guess – with just my soul
Upon the window pane
Where other creatures put their eyes –
Incautious – of the Sun –
(Dickinson, 2020, p. 314)

Para analisar as imagens poéticas suscitadas pelo mundo natural no poema, o tom e a atmosfera que elas sugerem e a forma com que se pode relacioná-las ao conceito de solidão, é necessário observar seus aspectos formais. Ele é composto por cinco estrofes, sendo a terceira de cinco versos e as demais de quatro versos. A métrica é predominantemente o *common meter* (estrofe 8-6-8-6), mas apresenta algumas variações que causam estranhamento, como é o caso dos primeiros versos da terceira estrofe: “*The Meadows – mine – [4] / The Mountains – mine – [4]*” (Dickinson, 2020, p. 314). O ritmo também se baseia no tradicional jâmbico, mas apresenta irregularidades, como as pausas longas marcadas pelos travessões. O esquema de rimas é imperfeito, criando uma sensação de quebra de expectativa; ainda assim, a cadência e a sonoridade do poema são musicais e agradáveis. Dessa forma organiza-se o poema analisado, e, desde já, nota-se que, mesmo nos recursos formais, Dickinson elabora a profundidade de sua escrita e de seus temas, a partir da sua complexidade e disruptura.

O tom do poema, ou seja, a atitude do eu-lírico frente ao tema a partir da escolha das palavras, do ritmo e do estilo (Brooks; Warren, 1976), é de introspecção, porque ele expressa que prefere observar todos os elementos do mundo natural que menciona com os “olhos internos”: “Upon the Window pane”

(Dickinson, 2020, p. 314). Assim, pode-se observar sua preferência pela experiência solitária com a natureza, ou seja, a vivência com todos aqueles elementos em seu próprio mundo interior. Em que pese a diferenciação entre a pessoa biográfica e a pessoa poética, vale ressaltar um curioso dado biográfico que pode ter influenciado a escrita deste poema, que foi o fato de Dickinson experienciar, entre os anos 1863 e 1864, dificuldades de visão, que foram averiguadas e investigadas a partir de sua correspondência e de registros do médico da família (Emily Dickinson Museum, [s.d.]). Com isso, nota-se que a primeira parte do poema propõe a reflexão pela qual a própria escritora teria passado: o que faríamos se não pudéssemos enxergar? E ainda, o que faríamos se, sem esperar, recuperássemos a visão? Este questionamento profundo elicitava as imagens naturais guardadas tão ternamente na memória do eu-lírico: as Campinas, as Montanhas, as Matas, a Estrada das Estrelas, “o Mergulho dos Gaviões -- / A Rota torta dos Trovões --” (Dickinson & Müller, 2020, p. 315).

Identificamos esta dinâmica entre o mundo natural que é gravado na memória através dos olhos internos com o conceito e a experiência da solidão. Motta (2023) afirma que a solidão altera profundamente a maneira com que os indivíduos percebem a si mesmo e o seu entorno (p. 1146). Por isso, pode-se afirmar que a percepção única dos elementos, descrita pelo eu-lírico, é um resultado da vivência com a solidão, que proporciona, de acordo com Lévinas, uma “unidade indissolúvel do existente com o existir” (1987, p. 43, tradução nossa). Ao mesmo tempo, pode-se relacionar essa concepção com a perspectiva de Bolin sobre a poesia e a linguagem da natureza: “[...] existe na natureza uma consciência, benevolente e divina, que exerce um efeito de cura na mente do homem” (1956, p. 19, tradução nossa). Ou seja, o eu-lírico, quando expressa sua vontade de registrar os elementos naturais que lhe são queridos em sua memória, como uma experiência própria da introspecção e da meditação, conecta o ser e a natureza.

Ao observar tais temas em diálogo, atestamos que Dickinson expressa, dentre outros aspectos, a solidão essencial ao ser humano que deseja absorver e refletir sobre os fenômenos – naturais – que o cercam. Igualmente, depreendemos muitos significados da forma do poema e dos recursos utilizados pela poeta para evidenciar seu posicionamento: as longas pausas, a rima imperfeita e as variações muito particulares do *common meter*. Ao mesmo tempo, a escolha pela imagem poética dos olhos e da visão proporcionam uma leitura que convida à contemplação e que questiona a habilidade de ver e enxergar de uma maneira muito sutil.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que a análise do poema “Before I got my eyes put out” proporciona uma reflexão muito rica para os estudos da poesia de Dickinson. Além disso, dada a relevância que o fenômeno da solidão possui na área das ciências humanas, e a importância da arte para a expressão das diferentes esferas da natureza humana, é fundamental relacioná-lo aos estudos literários e à relação do homem com o mundo natural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLIN, Donald William. *Emily Dickinson and the Nature Tradition*. Columbus: The Ohio State University, 1956.

BROOKS, Cleanth; WARREN, Robert Penn. *Understanding Poetry*. 4. ed. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1976.

DICKINSON, Emily. *Poesia completa / Emily Dickinson*. Tradução de Adalberto Müller. 1. ed. Brasília: Editora UnB, 2020. v. 1 e 2.

EMILY DICKINSON MUSEUM. *Emily Dickinson's Health*. In: EMILY DICKINSON MUSEUM. EMILY DICKINSON: Biography – Special Topics. Amherst, MA. Disponível em: <https://www.emilydickinsonmuseum.org/emily-dickinson/biography/special-topics/emily-dickinsons-health/#:~:text=While%20several%20theories%20have%20been,fine%20muscles%20of%20the%20eye>. Acesso em: 18 ago. 2025.

LENOBLE, Robert. *História da ideia de natureza*. Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1969.

LEVINAS, Emmanuel. *Time and the Other*. Translated by Richard A. Cohen. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1987.

MOTTA, Valeria N. *Loneliness: From Absence of Other to Disruption of Self*. *Topoi*, v. 42, n. 5, p. 1143–1153, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11245-023-09984-5>. Acesso em: 18 ago. 2025.